

Carta pastoral

Roma, 19-III-2022

Mons. Fernando Ocáriz
Prelado do Opus Dei

Carta pastoral

Roma, 19-III-2022

Mons. Fernando Ocáriz
Prelado do Opus Dei



Índice

[Fidelidade à vocação, fidelidade a Jesus Cristo](#)

[Fidelidade apostólica](#)

[Fidelidade à vocação e vida corrente](#)

[O permanente e o mutável na vida da Obra](#)

CARTA PASTORAL

Mons. Fernando Ocáriz
Prelado do Opus Dei
Roma, 19-III-2022

Copyright © Prelatura Sanctæ Crucis et Operis Dei

(Qualquer divulgação pública, no todo ou em parte, é proibida sem a autorização expressa do detentor dos direitos de autor)

Pro manuscripto

Queridíssimos, que Jesus me guarde as minhas filhas e os meus filhos!

Fiéis, vale a pena!

1. Com esta expressão familiar, que inspirou uma antiga canção, S. Josemaria animava-nos a ser muito fiéis. Recordo com frequência que, no dia 23 de agosto de 1963, num curso de verão em Pamplona, durante uns momentos de uma tertúlia com o nosso Padre, cantámos essa canção. Alguns de nós notámos que, enquanto nos ouvia a cantar aquelas palavras, o nosso Padre repetia em voz baixa: **Vale a pena, vale a pena**. Entendemos isso como uma expressão espontânea da sua experiência viva. Levar a Obra para a frente tinha valido a pena: tanto trabalho, tanto sofrimento, tantas dificuldades e, ao mesmo tempo, tanta alegria. A fidelidade é necessariamente alegre, mesmo na dor, com uma alegria no Senhor, que é a nossa fortaleza (cfr. Ne 8,10).

Fidelidade é um conceito amplo, com vários significados: «exatidão ou veracidade na realização de alguma coisa», «cópia exata de um texto», «cumprimento exato de um dever, de uma promessa», etc. É especialmente relevante considerar a fidelidade na relação entre as pessoas, no seu aspeto mais profundo do ponto de vista humano: o amor. «A fidelidade no tempo é o nome do amor»¹. O amor autêntico é por si definitivo, é fiel, ainda que, pela debilidade humana, possa falhar.

A fidelidade abarca todas as dimensões da nossa vida, pois envolve a pessoa na sua integridade: inteligência, vontade, sentimentos, relações e memória. Com estas breves páginas, no contexto do centenário da fundação da Obra, que se vai

aproximando, gostaria que nos detivéssemos agora a meditar sobre alguns aspetos, guiados sobretudo por textos de S. Josemaria.

Fidelidade à vocação, fidelidade a Jesus Cristo

2. A vocação cristã, em todas as suas expressões particulares, é a chamada de Deus à santidade. Chamamento do amor de Deus ao nosso amor, numa relação em que a fidelidade divina tem sempre a precedência: *fiel é Deus* (2 Ts 3,3; cfr. 1 Cor 1,9). «A nossa fidelidade nada mais é do que uma resposta à fidelidade de Deus. Deus, fiel à sua palavra, fiel à sua promessa»².

A fé na fidelidade divina dá força à nossa esperança, apesar de que a nossa debilidade pessoal nos leve por vezes a não sermos totalmente fiéis, em pequenas coisas e, talvez nalguma ocasião, nas grandes. Desse modo, a fidelidade consiste em percorrer – com a graça de Deus – o caminho do filho pródigo (cfr. Lc 15,11–32). ***A fidelidade a Jesus Cristo exige permanecer em contínua vigília, porque não podemos confiar nas nossas pobres forças. Havemos de lutar sempre, até ao último instante da nossa passagem pela terra: esta é a nossa finalidade***³.

Temos de procurar com perseverança a união com o Senhor. Procuramos – e encontramos – esta união com Jesus no trabalho, na família, em tudo..., de modo eminente na Eucaristia, na Penitência e na oração. Além disso, não estamos sozinhos. Contamos também com a ajuda dos outros, especialmente na direção espiritual pessoal. Agradeçamos esta possibilidade de abrimos a nossa alma com sinceridade, para recebermos ânimo e conselho no caminho do crescimento no nosso amor a Deus. E onde o nosso amor se alimenta, fortalece-se a nossa fidelidade: ***Enamora-te, e não 'O' deixarás***⁴.

3. A fidelidade manifesta-se especialmente quando exige esforço e sofrimento. Também aqui nos ilumina o exemplo da nossa Mãe, a Virgem fiel: «só pode chamar-se fidelidade uma coerência que dura

ao longo de toda a vida. O *fiat* de Maria, na Anunciação, tem a sua plenitude no *fiat* silencioso que Ela repete ao pé da cruz»⁵.

Com a ajuda de Deus, podemos ser fiéis, avançar no caminho da identificação com Jesus Cristo: que a nossa maneira de pensar, de amar, de ver as pessoas e o mundo, se tornem cada vez mais a Sua, através de um permanente começar e recomeçar, em que **a consciência da nossa filiação divina dá alegria à nossa conversão**⁶. Tornar-se-á assim uma realidade nas nossas vidas a exortação de S. Paulo aos Filipenses: *Tende entre vós os mesmos sentimentos de Cristo Jesus (Fl 2,5)*.

4. O encontro e a união com Cristo realizam-se na Igreja, que é visivelmente Povo composto por muitos povos. Constitutivamente, é Corpo de Cristo e, operativamente, é sacramento: toda a salvação vem de Cristo através da Igreja, muito especialmente porque a Igreja *faz a Eucaristia* e a Eucaristia *faz a Igreja*.

O facto, sempre verificável, de a Igreja ser formada por homens e mulheres débeis, com erros, não deve diminuir o nosso amor por ela. Tenhamos sempre presente que **a Igreja é isto mesmo: Cristo presente entre nós, Deus que vem até à humanidade para a salvar, chamando-nos com a Sua revelação, santificando-nos com a Sua graça, sustentando-nos com a Sua ajuda constante, nos pequenos e grandes combates da vida de todos os dias**⁷.

A fidelidade a Cristo é, portanto, fidelidade à Igreja. E na Igreja, esforçamo-nos por viver e fomentar a união com todos, particularmente com os Bispos e, de forma especial, com o Romano Pontífice, princípio visível de unidade de fé e de comunhão. Mantenhamos sempre vivo em cada um de nós aquele desejo do nosso Padre: ***Omnes cum Petro ad Iesum per Mariam!***

A fidelidade a Jesus Cristo e à Igreja inclui para nós a fidelidade à nossa vocação ao Opus Dei, vivendo o espírito que recebemos de S. Josemaria, que foi e é verdadeiramente o nosso Padre na Obra. Assim o exprimia numa antiga carta dirigida a todos os seus filhos:

Não posso deixar de elevar a alma agradecida ao Senhor, de quem procede toda a família nos céus e na terra (Ef 3,15-16), por me ter dado esta paternidade espiritual, que, com a Sua graça, assumi, com a plena consciência de estar na terra só para a realizar. Por isso vos amo com coração de pai e de mãe⁸. Ser filhas e filhos fiéis de S. Josemaria é o nosso caminho vocacional, para sermos fiéis filhas e filhos de Deus em Cristo.

Certamente vos lembrais de outras palavras do nosso Padre: ***A chamada divina exige de nós fidelidade intangível, firme, virginal, alegre, indiscutida à fé, à pureza e ao caminho***⁹. Agora detenho-me apenas a sublinhar a alegria. Uma fidelidade que é correspondência livre à graça de Deus, vivida com alegria e também com bom humor. Como nos ajuda recordarmos também estas suas palavras: ***Do ponto de vista humano, quero deixar-vos como herança o amor à liberdade e o bom humor***¹⁰.

5. Considerando a fidelidade na Obra, como poderíamos não pensar no Bem-Aventurado Álvaro? Lembro-me que no dia 19 de fevereiro de 1974, quando D. Álvaro não estava presente, S. Josemaria nos disse sobre ele: ***Gostaria que cada um o imitasse em muitas coisas, mas sobretudo na lealdade. (...) Teve sempre um sorriso e uma fidelidade incomparáveis***¹¹. Penso muitas vezes nas palavras bíblicas *vir fidelis multum laudabitur* (Pr 28,20: o homem fiel será muito louvado), gravadas na travessa de uma porta em *Villa Vecchia*, que conduz precisamente ao escritório onde D. Álvaro trabalhou durante muitos anos.

Elevo também a minha alma ao Senhor em agradecimento pela fidelidade de tantas mulheres e de tantos homens que nos precederam no caminho e nos deixaram um testemunho precioso desse *vale a pena*, evocado no início destas páginas.

O nosso Padre dizia que qualquer pessoa que se aproxime da Obra, mesmo por pouco tempo, terá sempre o nosso afeto. Isto aplicava-o ainda mais a quem tinha estado na Obra durante algum

tempo e depois tinha seguido outros caminhos; e aos que alguma vez se tenham sentido feridos, pedimos perdão de todo o coração.

Fidelidade apostólica

6. A vocação cristã à santidade, à identificação com Jesus Cristo é – em todas as suas formas, de um modo ou de outro – uma vocação apostólica: ***Não se pode dissociar a vida interior do apostolado, como não é possível separar em Cristo o Seu ser de Deus-Homem e a Sua função de Redentor*** ¹².

Em todas as épocas – e na nossa vemos isso de forma impressionante – há no mundo uma sede imensa – tantas vezes inconsciente – de Deus. Estas palavras proféticas estão sempre a cumprir-se: *Eis que vêm dias – oráculo do Senhor – em que lançarei fome sobre o país. Não será fome de pão, nem sede de água, mas de ouvir as palavras do Senhor (Am 8,11).*

Quantas vezes teremos meditado sobre aquela vibrante exortação de S. Josemaria: ***Caríssimos, Jesus urge-nos. Ele quer ser levantado de novo, não na Cruz, mas na glória de todas as atividades humanas, para atrair todos a Si (Jo 12,32)*** ¹³.

Ao experimentarmos as dificuldades que a vida cristã encontra neste mundo – ateísmo, indiferença, relativismo, naturalismo materialista, hedonismo, etc. –, vem-nos talvez à mente a afirmação de S. João: *Não ameis o mundo nem o que há no mundo (1 Jo 2,15)*, referente ao que no mundo se opõe a Deus, e que ele resume na tripla concupiscência (cfr. 1 Jo 2,16). Ao mesmo tempo porém, o mundo, criatura de Deus, é bom: *Tanto amou Deus o mundo, que lhe entregou o Seu Filho Unigénito, a fim de que todo o que n'Ele crê não se perca, mas tenha a vida eterna (Jo 3,16).*

7. Procuremos, como o nosso Padre, ***amar o mundo apaixonadamente*** ¹⁴, pois é o âmbito do nosso encontro com Deus e o caminho para a vida eterna. Um amor que exclui a

mundanidade: somos do mundo, mas não queremos ser mundanos; vivendo também, por exemplo, o espírito e a realidade prática da pobreza, que nos liberta de tantas amarras e, com sentido positivo, nos faz ouvir S. Paulo que nos assegura: *Tudo é vosso, mas vós sois de Cristo e Cristo é de Deus (1 Cor 3,22–23)*. O testemunho de vidas sóbrias e austeras é – hoje e sempre – uma forma de ser sal e luz neste mundo, que queremos transformar com o amor de Cristo.

Perante esta realidade – *tudo é vosso*– alegramo-nos com as alegrias dos outros, desfrutamos de todas as coisas boas que nos rodeiam e sentimo-nos interpelados pelos desafios do nosso tempo. Ao mesmo tempo, sentimos muito dentro da alma a situação no mundo, particularmente a triste realidade da guerra e de outras situações com grandes carências e sofrimentos de tantas e tantas pessoas, especialmente das mais frágeis. Mas, insisto, não admitamos o pessimismo; pelo contrário, atualizemos a fé na vitalidade do Evangelho – pois é *poder de Deus para a salvação de todos os que creem (Rom 1,16)* – e a fé nos meios: oração, mortificação, Eucaristia!, e trabalho. Manteremos então uma visão do mundo cheia de esperança.

A fé é base da fidelidade. Não uma confiança vã na nossa capacidade humana, mas fé em Deus, que é o fundamento da esperança (cf. *Heb 11,1*). «Deus é o fundamento da esperança, não um Deus qualquer, mas aquele Deus que possui um rosto humano e que nos amou até ao fim: a cada indivíduo e à humanidade no seu conjunto» ¹⁵.

Ouçamos novamente o nosso Padre: ***Se sois fiéis, o Senhor, pelas vossas mãos, como fruto da vossa entrega calada e humilde, fará maravilhas. Voltar-se-á a viver aquela passagem de S. Lucas: os setenta e dois discípulos regressaram cheios de alegria, dizendo: Senhor, até os demónios se sujeitaram a nós, em Teu nome (Lc 10,17)***¹⁶.

Fidelidade à vocação e vida corrente

8. Na vida de cada um de nós pode haver, de vez em quando, circunstâncias fora do comum, mas sabemos bem que a união com o Senhor e, com Ele, a nossa missão apostólica, se hão de realizar fundamentalmente na vida corrente: família, trabalho profissional, amizades, deveres sociais...: «Esse é o principal *lugar* do nosso encontro com Deus»¹⁷, recordava-nos D. Javier, num dos seus primeiros escritos.

Encontrar o Senhor em todo o acontecer de cada dia significa descobrir o valor do pequeno, das coisas pequenas, dos detalhes, nos quais tantas vezes podemos manifestar o nosso amor a Deus e o nosso amor aos outros. O próprio Jesus nos disse: *Quem é fiel no pouco também é fiel no muito, e quem é infiel no pouco também é infiel no muito* (Lc 16,10). Uma fidelidade no pouco que o Senhor premeia com a grandeza da Sua própria alegria (cfr. Mt 25,21).

A nossa experiência pessoal mostra-nos que esta fidelidade *no pouco* não é de *pouca entidade*, pelo contrário: ***A perseverança nas pequenas coisas, por Amor, é heroísmo***¹⁸. O amor é aquilo que dá o maior valor a toda a atividade humana. A fidelidade é fidelidade a um compromisso de amor, e o amor a Deus é o sentido último da liberdade. Esta liberdade de espírito dá a capacidade de amar o que tem de se fazer, mesmo quando envolve sacrifício, e então pode experimentar-se aquilo que Jesus nos garante: *Tomai sobre vós o Meu jugo e aprendei de Mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para o vosso espírito. Pois o Meu jugo é suave e o Meu fardo é leve* (Mt 11,29–30). E Santo Agostinho explica: «Naquilo que se ama, ou não se sente a dificuldade ou se ama a própria dificuldade (...). Os trabalhos daqueles que amam nunca são penosos»¹⁹.

9. Sabemos bem que encontrar Deus, amar a Deus é inseparável de amar, de servir os outros, que os dois preceitos da caridade são inseparáveis. Com o nosso amor fraterno, que é sinal seguro de

vida sobrenatural, construímos a nossa fidelidade e tornamos mais alegre a fidelidade dos outros: *Nós sabemos que passámos da morte para a vida porque amamos os irmãos (1 Jo 3,14)*. Com que força S. Josemaria nos anima a viver a fraternidade: ***Coração, meus filhos, ponde o coração em servir-vos uns aos outros. Quando o afeto passa pelo Sacratíssimo Coração de Jesus e pelo Dulcíssimo Coração de Maria, a caridade fraterna exercita-se com toda a sua força humana e divina. Anima a suportar a carga, alivia pesos, assegura a alegria na luta. Não é algo pegajoso, é algo que fortalece as asas da alma para subir mais alto. A caridade fraterna, que não procura o seu próprio interesse, permite voar para louvar o Senhor com um espírito de sacrifício alegre***²⁰.

Dado o lugar que o trabalho ocupa na nossa vida habitual, poderíamos considerar – e examinar-nos pessoalmente – sobre tantos aspetos que estão contidos naquele ***santificar o trabalho, santificar-se no trabalho, santificar com o trabalho***²¹. Gostaria agora de vos convidar a meditarmos sobre como podemos transformar melhor o trabalho em oração, que não consiste só em ter algum pormenor de piedade enquanto trabalhamos. O nosso Padre explicou-nos isto de tantas maneiras. Vejamos de novo estas suas palavras: ***Realizai pois o vosso trabalho, sabendo que Deus o contempla: laborem manuum mearum respexit Deus (Gn 31,42). O nosso trabalho, portanto, deve ser tarefa santa e digna d'Ele: não só terminada até ao último detalhe, mas realizada com retidão moral, com hombridade, com nobreza, com lealdade, com justiça. Desta forma, o vosso trabalho profissional não só será reto e santo, mas também, por este título, será oração***²².

No nosso trabalho experimentamos também frequentemente os nossos limites e defeitos. Mas se, apesar de tudo, nos esforçarmos nesse ***saber que Deus nos contempla***, poderemos ouvir, dirigidas a nós, aquelas palavras de S. Paulo: *o vosso trabalho não é inútil no Senhor (1 Cor 15,58)*, como o nosso Padre resumia: ***nada se perde***.

O permanente e o mutável na vida da Obra

10. A fidelidade pessoal à própria vocação na Obra está necessariamente relacionada com a fidelidade institucional, ou seja, com a permanência da Obra como instituição, em fidelidade à vontade de Deus para ela, tal como o fundador a transmitiu.

Em 2016, D. Javier recordou-nos estas palavras de S. Josemaria: ***assim como a identidade da pessoa permanece a mesma ao longo das diversas fases de crescimento: infância, adolescência, maturidade..., assim há evolução no nosso desenvolvimento: de outra forma, seríamos coisa morta. O núcleo, a essência, o espírito permanece inalterado, mas evoluem as formas de dizer e de fazer, sempre velhas e sempre novas, sempre santas***²³.

Comentando este texto, considere então que é sobretudo no âmbito do apostolado pessoal – que é o principal na Obra – e no de orientar com sentido cristão as profissões, instituições e estruturas humanas, que procuramos pôr iniciativa e criatividade, para construirmos uma relação de sincera amizade com muitas pessoas e para trazermos a luz do Evangelho à sociedade. Esta mesma iniciativa e criatividade leva-nos também a procurar novas atividades apostólicas, dentro do mar sem limites que o espírito da Obra nos apresenta.

11. Esta criatividade pode entender-se como uma versão do que por vezes se chama *fidelidade dinâmica*, ou *fidelidade criativa*. Uma fidelidade que exclui tanto o que seria um anseio superficial de mudanças, como uma atitude *a priori* contrária a tudo que for ou pareça ser uma certa novidade. ***Por esta nossa vocação, estamos presentes na própria origem das rectas mudanças que ocorrem na sociedade, e também fazemos nossos os progressos de qualquer época***²⁴. Devemos por isso compreender e partilhar os anseios do nosso tempo, sem pretendermos, ao mesmo tempo, adaptar-nos a qualquer moda ou costume, por muito atual e

difundido que esteja, se for contrário ao espírito que Deus nos transmitiu através do nosso fundador, também por ser incompatível com o tom humano e o ambiente familiar próprio da Obra. Neste sentido, ***nunca haverá qualquer necessidade de nos adaptarmos ao mundo, porque somos do mundo; nem teremos de ir atrás do progresso humano, porque somos nós – sois vós, meus filhos – juntamente com as outras pessoas que vivem no mundo, que realizais este progresso com o vosso trabalho quotidiano***²⁵.

Vale a pena também ter presente que, em relação às determinações estabelecidas para toda a Obra (por exemplo, quanto aos meios de formação espiritual: círculos, meditações, retiros, etc.), é lógico que o discernimento da oportunidade de possíveis mudanças corresponda, em última análise, ao Padre com o Conselho Geral e a Assessoria Central. Por outro lado, nem todas as mudanças a este nível são indiferentes ao espírito e devem ser estudadas com prudência. Pela vossa parte, não hesiteis em sugerir projetos apostólicos àqueles que dirigem o apostolado, com espírito de iniciativa e também de unidade – sem deixar de remar juntos – com o desejo de levar a alegria do Evangelho a muitas pessoas. Em qualquer caso, tenhamos a certeza de que «não estamos sozinhos para fazer a Obra, nem contamos apenas com as nossas pobres forças, mas com a força e o poder do Senhor»²⁶.

12. Com a nossa fidelidade pessoal e a responsabilidade de todos para mantermos a fidelidade institucional, apesar das nossas limitações pessoais, com a graça de Deus, poderemos construir, ao longo dos variáveis períodos históricos, a continuidade da Obra na fidelidade à sua origem. Esta é a continuidade essencial entre passado, presente e futuro, própria de uma realidade viva. Em 2015, D. Javier animava-nos a pedir a S. Josemaria que a Obra chegasse ao dia 2 de Outubro de 2028 com a mesma pujança e frescura de espírito que o nosso Padre tinha no dia 2 de Outubro de 1928.

Assim, poderá tornar-se realidade, pela misericórdia de Deus, o que S. Josemaria via: ***Vejo a Obra projetada ao longo dos séculos, sempre jovem, graciosa, bela e fecunda, defendendo a paz de Cristo, para que todo o mundo a possua. Contribuiremos para que na sociedade se reconheçam os direitos da pessoa humana, da família, da Igreja. O nosso trabalho fará que diminuam os ódios fraticidas e as suspeitas entre os povos, e as minhas filhas e os meus filhos — fortes in fide (1Pe 5,9), firmes na fé – saberão ungir todas as feridas com a caridade de Cristo, que é bálsamo suavíssimo***²⁷.

Confiando à nossa Mãe Santa Maria, Virgem fiel, e a S. José, a permanente renovação da nossa fidelidade, com todo o carinho vos abençoa

o vosso Padre



Fernando

Roma, 19 de Março de 2022

Notas

- [←1] BENTO XVI, *Discurso*, 12-5-2010.
- [←2] FRANCISCO, *Homília*, 15-4-2020.
- [←3] *Carta 28-III-1973*, n. 9.
- [←4] *Caminho*, n. 999.
- [←5] S. JOÃO PAULO II, *Homília*, 26-1-1979.
- [←6] *Cristo que passa*, n. 64.
- [←7] *Cristo que passa*, n. 131.
- [←8] *Carta 6-V-1945*, n. 23.
- [←9] *Carta 24-III-1931*, n. 43.
- [←10] *Carta 31-V-1954*, n. 22.
- [←11] S. JOSEMARIA, *Notas de uma reunião familiar*, 19-2-1974.
- [←12] *Cristo que passa*, n. 122.
- [←13] *Instrução*, 1-IV-1937, n.1.
- [←14] *Entrevistas a S. Josemaria*, n. 118.
- [←15] BENTO XVI, Encíclica *Spe salvi*, n. 31.
- [←16] *Carta 24-III-1930*, n. 23.

[←17] JAVIER ECHEVARRÍA, *Carta pastoral, 28-XI-1995*, n. 16.

[←18] *Caminho*, n. 813.

[←19] SANTO AGOSTINHO, *De bono viduitatis*, 21, 26.

[←20] *Carta 14-II-1974*, n. 23.

[←21] *Cristo que passa*, n. 45.

[←22] *Carta 15-X-1948*, n. 26.

[←23] *Carta 29-IX-1957*, n. 56.

[←24] *Carta 14-II-1950*, n. 21.

[←25] *Carta 9-I-1932*, n. 92.

[←26] JAVIER ECHEVARRÍA, *Carta pastoral, 28-XI-1995*, n. 11.

[←27] *Carta 16-VII-1933*, n. 26.